

O Novo Testamento é um sincretismo (mistura de crenças) de histórias de várias religiões antigas dedicadas a deuses:



Infelizmente, o texto está um pouco ilegível, provavelmente devido às muitas cópias; por isso, aqui está um pouco mais nítido – e, logicamente, já traduzido. Portanto

HORUS há 5000 anos:

- # nascido de uma virgem
- # Estrela do Oriente
- # caminhou sobre as águas
- # curou os doentes
- # fez os cegos verem
- # foi crucificado
- # esteve morto durante três dias
- # ressuscitou dos mortos.

E algo semelhante acontece com

MITHRAS há 3200 anos

KRISHNA há 2900 anos

DIONÍSIO há 2500 anos, do Irão, da Índia, da Grécia

Penso que um «acontecimento» no caso de Jesus é, de facto, verdadeiro: a crucificação. E foi a partir daí que «eles» «construíram» os outros acontecimentos à sua volta.

O facto de todos estes mitos divinos, desde o nascimento virginal até à «ressurreição dos mortos de um filho de Deus», se aplicarem também a Jesus não pode ser coincidência; tantas coincidências são impossíveis.

Nesta síntese (que recebi de um

amigo americano) nem sequer consta que a Última Ceia de Jesus com pão e vinho, com os seus discípulos, nem sequer teve lugar, mas sim que se trata de uma adaptação do culto a Mitra. Também nesse culto havia uma refeição de despedida com pão e vinho. Não será tudo isto a confirmação inequívoca de que a biografia de Jesus, tal como a conhecemos pela Bíblia, é uma montagem deliberada e muito artificial? E porquê e por quem?

O Novo Testamento é uma farsa? O que aconteceu realmente há 2000 anos?

É certo que Jesus viveu e que também foi crucificado. No entanto, não pode haver tantas coincidências ao ponto de todas estas histórias divinas — desde o nascimento de uma virgem até à ressurreição, etc. (ver o resumo) — terem acontecido também com Jesus; por isso, foram-lhe atribuídas. Mas quem faria tal coisa? É improvável que fossem os seguidores a fazê-lo; estes escreveriam, muito mais provavelmente, o que realmente aconteceu, com a maior precisão possível.

É, portanto, muito mais provável que tenham sido os adversários de Jesus a atribuir-lhe essas histórias, e esses seriam os mesmos círculos que o levaram à cruz. É claro que isso foi feito de forma muito astuta.

E porquê? Conhecemos o problema dos computadores: quando apagamos algo, isso continua a existir — um disco rígido só está verdadeiramente apagado quando for sobrescrito com outra coisa. E foi assim também com Jesus: foi-lhe atribuída uma nova história. E isso também se coaduna com o que dizem os teólogos quando falam do Jesus pré-páscoa e do Jesus pós-páscoa, e de que o Jesus pré-páscoa, ou seja, o de antes da suposta ressurreição, era completamente diferente do de depois da ressurreição. E aqui isso é dito de forma muito clara: o Jesus pós-páscoa é uma invenção deliberada — partindo de Paulo, que se tinha infiltrado entre os primeiros seguidores de Jesus como apóstolo autoproclamado —, com o objetivo de apagar o mais completamente possível o Jesus pré-páscoa, ou seja, o verdadeiro.

E por que razão deveria o verdadeiro Jesus ser apagado?

Sobretudo, o tratamento dado às mulheres naquela época deve ter sido absolutamente criminoso: na história de Susana, no apêndice do Livro de Daniel, ficamos a saber como as mulheres eram chantageadas para ter relações sexuais — e também para a prostituição: Se, de acordo com o procedimento de duas testemunhas da época («Ou fazes sexo connosco ou denunciaremos-te, alegando que te vimos a fazer sexo com outro homem, e então serás executada»), dois homens ameaçassem uma mulher com a denúncia caso ela não estivesse disposta a ter relações sexuais ou mesmo a prostituir-se (arranja-se sempre alguma coisa!), então é provável que a maioria das mulheres se tivesse deixado convencer a ter relações sexuais, pois preferiam, afinal, continuar vivas — e ainda por cima sentiam-se pecadoras.

Jesus tinha agora desmascarado os verdadeiros culpados em discursos públicos, revelando que todas as acusações eram inventadas de raiz — e que os homens eram os verdadeiros malfeitores, movidos pela mais elevada energia criminosa.

E estes, naturalmente, não aceitaram isso de braços cruzados — e fizeram com que Jesus fosse eliminado com base em falsas acusações.

Mas veja mais no «Elemento 2»! E no «Elemento 1» ficará a saber como o empenho de Jesus se traduz nos nossos dias, pois a atitude em relação às mulheres não mudou assim tanto — é apenas diferente!

O autor é licenciado em Teologia (católica) e professor de religião em escolas profissionais, já aposentado.

Caro companheiro peregrino no Caminho de Santiago!

Desde os tempos antigos, o objetivo da peregrinação não tem sido apenas caminhar e chegar a Santiago, mas também descobrir novas ideias que possam ser colocadas em prática ao retornar para casa. Acredito que as ideias contidas neste folheto realmente merecem ser consideradas!

E, acompanhando isto, uma CARTAABERTA à Sra. Ina Brandes, Ministra da Educação do estado da Renânia do Norte-Vestfália (Alemanha):

Misoginia extrema e desprezo pelas mulheres na educação sexual escolar — defendendo, em vez disso, uma "autodeterminação sexual filógina"!

12 de julho de 2026

Cara Ministra Brandes!

Por favor, dê uma vista de olhos na página 10 do artigo em anexo do jornal *WELT*, ou seja, de um jornal que, na verdade, não é considerado misógino nem desrespeitoso para com as mulheres. E a misoginia e o desprezo pelas mulheres não deveriam, de facto, ter lugar na nossa sociedade – infelizmente, porém, é assim, e de que maneira! Basta olhar com atenção!

Então, o que mais pode isto significar, se neste artigo do jornal «WELT» é apresentada como razão para as raparigas não começarem a ter relações sexuais o facto de se sentirem demasiado jovens e de serem demasiado tímidas? Que a verdadeira razão pela qual elas não começam seja, provavelmente, o facto de terem um sentido moral natural e de esse sexo violar o seu sentido moral (elas não querem ser vadias nem «objetos sexuais» estúpidos e baratos), é algo que os responsáveis pelas estatísticas e os editores, aparentemente, não conseguem sequer imaginar: Ou seja, têm a atitude de que as raparigas não são capazes de ter uma moral elevada — porque são demasiado estúpidas e guiadas pelos instintos, pelo que lhes é negada, desde o início, qualquer capacidade para tal moral — não há forma mais misógina de agir! E isso parece não ser apenas a atitude do jornal «WELT», mas, atualmente, uma atitude generalizada na nossa cultura em relação às raparigas. E, com tal atitude, claro que nem vale a pena refletir sobre conceitos e desenvolvê-los, pensando em como as coisas poderiam ser diferentes – pois sabe-se desde o início que, de qualquer forma, isso não adianta nada com as «raparigas estúpidas e movidas pelos instintos». Por isso, hoje em dia, nas aulas de educação sexual, elas aprendem apenas a usar a pílula e os preservativos para não engravidarem e não contraírem doenças sexualmente transmissíveis – e a religião também deixa tudo correr e limita-se a proclamar o perdão e a misericórdia de Deus para com aqueles que não conseguem lidar com as consequências da sua impulsividade predestinada. Verdadeiramente, uma pedagogia fantástica, que consegue transformar a falta de capacidade no que diz respeito a uma pedagogia sensata num objetivo pedagógico positivo!

Consegue imaginar como, com este conceito, eu adoraria ser professor hoje em dia – de crianças de 10 a 15 anos? Que os agitasse à grande, tal como é o pano de

fundo da atitude dos adultos e, sobretudo, dos atuais pedagogos da sexualidade (a pedagogia da sexualidade atual não tem origem nos Vermelhos e nos Verdes?). O pano de fundo não será um puro desprezo institucionalizado pelas mulheres (ou melhor, «desprezo pelas raparigas») – e, por isso, ninguém tenta colocar o sentimento moral natural das raparigas numa base sensata, através de um conceito atraente, para que elas também gostem de viver de acordo com ele e possam ainda influenciar o mundo dos homens – e assim, finalmente, possam transformar o nosso mundo para melhor?

Anexo o texto, para mostrar que também pode ser de outra forma! Neste texto é também descrita uma alternativa sobre como os jovens podem fazer melhor. E tal alternativa é absolutamente necessária para que o conceito seja apelativo na prática e possa funcionar!

Aliás, até agora não fui assim tão mal-sucedido: uma antiga aluna (turca) lembrou-se de mim após o fracasso do seu casamento, de como eu queria basear a moral nas relações interpessoais na razão e não em qualquer religião com as hostilidades típicas das religiões, e quer que a sua filha (13) não fique tão perturbada pela religião como ela própria ficou – e que façamos alguma atividade com a filha, para que ela veja como é bela uma moral cuja base é a razão.

E não seria aqui a tarefa de uma ministra da Cultura, que pertence a um partido que se autodenomina cristão, e que, afinal, tem influência nos programas escolares, alterá-los – uma vez que as igrejas cristãs não o conseguem fazer, por estarem encravadas nos seus dogmas de mitos divinos e no seu modelo de negócio baseado na pregação do perdão e da misericórdia de Deus?

Não poderia, por acaso, organizar um fórum em que eu possa responder a perguntas? (Gostaria, no entanto, que os participantes conhecessem este texto – e que houvesse, então, uma sessão de «perguntas e respostas».)

De qualquer forma, penso que temos de fazer alguma coisa – e com a maior urgência! É claro que também estou a tentar noutros locais, ou seja, também junto de outros partidos, sim, até mesmo junto da AfD <até agora, ainda ninguém se manifestou> – mas não quero ignorar a CDU. Afinal, a CDU deveria ser, na verdade, a força social que está a trabalhar nisto!

Ficaria muito grato por uma resposta.

Cumprimentos MP

Por favor, leia também o "Elemento 2" — pelo menos o início — para ver como a nossa fé cristã se relaciona com esta questão.

Quanto à "carta aberta": para garantir que ela não vá direto para o lixo — apesar de abordar um assunto muito importante —, enviarei cópias a vários veículos de comunicação, bem como a igrejas (apenas para citar alguns exemplos!).